



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
Faculdade de Ciência da Informação – FCI
Curso de Graduação em Biblioteconomia

A Biblioterapia como apoio aos alunos na vida acadêmica

Rosane Cossich Furtado

Brasília
2013

ROSANE COSSICH FURTADO

A Biblioterapia como apoio aos alunos na vida acadêmica

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dra. Sofia Galvão Baptista

Brasília
2013

F992b

Furtado, Rosane Cossich.

A Biblioterapia como apoio aos alunos na vida acadêmica / Rosane Cossich Furtado. — 2011.
59 f. : il. ; 30 cm.

Monografia (graduação)—Universidade de Brasília; Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Graduação em Biblioteconomia, 2013.

Inclui bibliografia.

Orientação: Sofia Galvão Baptista.

1. Biblioterapia. 2. Leitura – Bibliotecário. I. Baptista, Sofia Galvão. II. Título.

CDU 028.02



Título: A biblioteca como apoio aos alunos na vida acadêmica.

Aluno: Rosane Cossich Furtado.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 21 de Junho de 2013.

Sofia Galvão Baptista - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Fernando César Lima Leite – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

*Aos meus pais José e Nivalda e aos meus filhos
Yuri e Eric.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores da Universidade de Brasília, especialmente aos da Faculdade da Ciência da Informação, que contribuíram para minha formação acadêmica;

A minha orientadora Professora Doutora Sofia Baptista Galvão pela atenção, incentivo e colaboração na realização do trabalho;

Aos professores da banca examinadora que contribuíram para melhorar esta monografia. Agradeço também, a Professora Doutora Ilza Lopes Leite pela amizade e colaboração na realização do trabalho;

Aos colegas do curso de Biblioteconomia, em especial aos da turma do 2º semestre de 2009, que, ao responderem as minhas indagações, cooperaram com dados para a realização desta pesquisa. Agradeço-lhes, também, por compartilharem comigo os ensinamentos da vida acadêmica, a alegria da juventude e, em especial, pelo carinho e apoio num dos momentos mais difíceis que a vida me apresentou. Desejo que todos tenham muito sucesso em suas vidas;

Aos funcionários da Faculdade da Ciência da Informação, em especial ao Reginaldo, pelo auxílio a nossa vida acadêmica.

Um público comprometido com a leitura é crítico,
rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em
lemas que alguns fazem passar por idéias.
Mário Vargas Llosa

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar se os alunos do 7º semestre do curso de Biblioteconomia da UnB investem em leitura terapêutica como lazer antes das provas. A revisão de literatura abordou os seguintes tópicos: a leitura, sua evolução e suas características; a Biblioterapia: seus conceitos, sua evolução, suas técnicas, seus benefícios e, por fim, breves reflexões sobre o campo de atuação do Bibliotecário como difusor e mediador da informação. O trabalho caracteriza-se por ser um estudo de caso, de cunho exploratório. O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário do tipo semiestruturado composto de questões fechadas e abertas. O resultado da pesquisa demonstra que não há investimento em leitura terapêutica como forma de aliviar o estresse acadêmico.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura. Bibliotecário.

ABSTRACT

This work aims to analyze whether students of 7th semester of the Library at Universidade de Brasília invest in reading therapy as leisure before exams. The literature review covered the following topics: reading, its evolution and its characteristics, the Bibliotherapy: its concepts, its evolution, its techniques, its benefits, and finally, brief reflections on the views of Librarians as a diffuser and mediator of information. The work is characterized as a case study of an exploratory nature. The instrument for data collection used was a semi structured questionnaire-type compound essay questions and objective questions. The research result shows that there is no investment in reading therapy to ease academic stress.

Keywords: Bibliotherapy. Reading. Librarian.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigos publicados sobre o tema Biblioterapia	31
Quadro 2 – Campos de atuação e finalidades da Biblioterapia	36
Quadro 3 – Benefícios da Biblioterapia.....	37
Quadro 4 – Benefícios da leitura.....	51
Quadro 5 – Conceito de Biblioterapia	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atividades realizadas.....	48
Tabela 2 – Gênero de leitura preferido pelos entrevistados.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero dos estudantes.....	45
Gráfico 2 – Faixa etária do total de indivíduos	46
Gráfico 3 – Hábito da leitura.....	47
Gráfico 4 – Hábito de investir em lazer antes das provas	48
Gráfico 5 – Em momentos de estresse recorrem à leitura.....	49

LISTA DE SIGLAS

ETD – Educação Temática Digital

FBN - Fundação Biblioteca Nacional

FCI - Faculdade de Ciência da Informação

IBCI – Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação

UCMG - Universidade Católica de Minas Gerais

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

USP – Universidade de São Paulo

UnB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	15
2 OBJETIVOS.....	17
<i>2. 1 Objetivo Geral.....</i>	<i>17</i>
<i>2. 2 Objetivos Específicos</i>	<i>17</i>
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	18
<i>3.1 Leitura</i>	<i>18</i>
<i>3.1.1 Evolução.....</i>	<i>18</i>
<i>3.1.2 Leitura: características</i>	<i>22</i>
<i>3.2 Biblioterapia.....</i>	<i>25</i>
<i>3.2.2 Evolução.....</i>	<i>28</i>
<i>3.2.3 Aplicação.....</i>	<i>34</i>
<i>3.2.4 Benefícios</i>	<i>37</i>
4 O BIBLIOTECÁRIO COMO BIBLIOTERAPEUTA.....	41
5 METODOLOGIA	44
<i>5.1 Tipo de pesquisa</i>	<i>44</i>
<i>5.2 Instrumento de coleta de dados.....</i>	<i>44</i>
<i>5.3 Universo e Amostra da pesquisa</i>	<i>44</i>
6 ANÁLISE DOS DADOS	45
<i>6.1 Análise e discussão dos dados.....</i>	<i>45</i>
7 CONCLUSÃO	54
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES	59

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A leitura terapêutica é vista como importante desde épocas bem remotas. Em bibliotecas antigas foram encontradas inscrições sobre a atuação do livro como “remédio para alma” e na Idade Média o livro era associado à forma de tratamento. A prática de usar livros no tratamento de doentes mentais foi observada no século XVIII em alguns países da Europa. No início do século XX, em 1904, a biblioterapia começa a ser aceita como ramo da Biblioteconomia após o trabalho de uma bibliotecária num hospital nos EUA que aliava a leitura ao tratamento psiquiátrico e o grande impulso na área foi no período da 1ª Guerra Mundial quando foram construídas bibliotecas em hospitais da Cruz Vermelha.

Com a explosão da informação, após a 2ª Guerra Mundial, os trabalhos na área se intensificaram e a biblioterapia ampliou sua área de atuação, passando a ser empregada preventivamente e levada para o lado de fora das clínicas e dos hospitais. Atualmente a Biblioterapia pode ser aplicada a qualquer pessoa, em qualquer faixa etária com o objetivo de auxiliar o seu desenvolvimento emocional, social.

As mudanças que afetaram a sociedade contemporânea como o acelerado desenvolvimento tecnológico atingiu sobremaneira o campo de atuação do bibliotecário que passou a atuar além dos limites das bibliotecas. Dentro desse contexto, o papel do bibliotecário como agente disseminador da informação, mediador e incentivador da leitura tornou-se fundamental ao possibilitar maior liberdade de atuação junto ao leitor. E o Bibliotecário poderá ver que além dos trabalhos técnicos da profissão há outros os quais ele também pode atuar com uma postura ainda mais humanista.

O presente trabalho se justifica pela intenção de analisar se os alunos do curso de biblioteconomia da UnB investem em leitura terapêutica como lazer antes das provas.

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: Introdução (capítulo 1); Objetivo Geral e Objetivos específicos (Capítulo 2); Revisão de Literatura (Capítulo 3); O Bibliotecário como Biblioterapeuta (Capítulo 4); Metodologia (capítulo 5) Descrição e Análise de dados (Capítulo 6) e Considerações Finais (Capítulo 7).

No capítulo 1, são apresentados os elementos introdutórios ao tema e sua justificativa.

No capítulo 2 , são apresentados o objetivo geral assim como os objetivos específicos.

No capítulo 3, são abordados os temas que embasaram teoricamente a monografia. Este capítulo esta subdividido em: Leitura: evolução e características; e Biblioterapia: conceito, evolução, aplicação e benefícios.

No capítulo 4, abordou-se o tema: o Bibliotecário como Biblioterapeuta.

No capítulo 5, é apresentado a metodologia, o tipo de pesquisa, o instrumento de coleta de dados o universo e amostra da pesquisa. No capítulo 6, segue a descrição e análise de dados.

No capítulo 7, são apresentadas as considerações finais do trabalho. O estudo se encerra com a lista de referências onde estão apresentadas as fontes consultadas para a elaboração desse trabalho, como: artigos, livros, sítios, dissertações, teses. Adicionalmente foi anexado o apêndice que apoiou a realização do estudo de caso.

Nesse sentido, o desenvolvimento deste trabalho pretende contribuir com informações sobre o tema que tem crescido muito nos últimos anos no Brasil, porém não tem sido estudado no curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília - UnB.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Analisar se os alunos do 7º semestre do curso de Biblioteconomia da UnB investem em leitura terapêutica como lazer antes das provas.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar os conceitos, evolução, aplicação, benefícios da biblioterapia; a percepção dos estudantes sobre o conceito de Biblioterapia; e a atuação do Bibliotecário como Biblioterapeuta.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Leitura

3.1.1 Evolução

No mundo antigo, tanto a escrita como a leitura eram atividades restritas a uma pequena elite de burocratas formadas por funcionários do Estado e os escribas que dominavam os hieróglifos, a escrita egípcia e eram responsáveis pelos registros dos escritos do reino. No Egito, apenas 1% da população sabia escrever. Esse pequeno grupo era composto pelos Faraós e algumas esposas e por seus quadros administrativos que eram os burocratas e os militares, e ainda pelos sacerdotes.

No século V a.C. (MANGUEL, 1997, p. 58), Ambrósio era considerado um orador extremamente popular, um leitor extraordinário. Nas palavras de Agostinho “quando ele lia, seus olhos perscrutavam a página e seu coração buscava o sentido, mas ficava em silêncio e sua língua quieta” (MANGUEL, 1997, p. 59). Esse é o primeiro caso registrado na literatura do ocidente de leitura silenciosa. De acordo com o autor citado existiram duas peças que ilustraram a leitura silenciosa praticada por personagens no palco: *Hipólito*, de Eurípedes: Teseu leu em silêncio uma carta presa na mão da esposa morta e em *Os cavaleiros*, de Aristóteles: Demóstenes olha para uma tabuleta mandada por um oráculo e, sem dizer em voz alta o que contém, parece ficar surpreso com o que leu”. Há outros exemplos que ilustram a leitura silenciosa nos séculos seguintes: no século IV a.C, Alexandre, O Grande, leu em silêncio uma carta recebida de sua mãe e no século II a.C. Cláudio Ptolomeu concluiu que as pessoas costumavam ler em silêncio quando estavam muito concentradas, porque falar as palavras em voz alta distraía o pensamento.

Do século V ao IV a.C. era prática a leitura em voz alta, uma convenção cultural, uma forma de tornar público o que estava escrito, visto que poucas eram as pessoas que sabiam ler. Historiadores acreditam que “os livros eram lidos ou declamados para o público por oradores treinados. A leitura era uma *performance*” (LYONS, 2011, p. 9). A leitura em público constituía um exercício benéfico. A celebridade era sem dúvida um fator muito importante, mas havia também o prazer de ouvir a própria voz. (...) Na sua concepção, ler em público era a melhor maneira de um autor obter público.

Na verdade, a leitura pública era em si mesma uma forma rudimentar de divulgação (MANGUEL, 1997, p. 282).

No mundo greco-romano, no início do século III a.C. , nova prática de leitura se fez presente em consequência da alfabetização. Pessoas buscavam a leitura por hábito, prazer ou mesmo por prestígio. Surgiu, nessa época, a literatura de entretenimento: poesias, livros de magia. Todos liam as mesmas obras a diferença estava na interpretação, na forma de compreender o texto (CAVALLO, 1998, p. 18).

No século I a.C., os romanos aristocráticos mantinham a tradicional cultura literária oral. A forma mais comum de leitura era a dos rolos de papiros em *scriptio*. Pessoas ricas empregam um leitor ou escravo para lerem em voz alta em suas casas. Os poemas épicos (poema narrativo onde o divino se confunde com a realidade e a lenda com a história, geralmente invocando algo ou alguém de valor extraordinário) eram comumente recitados diante de públicos convidados.

Nos primeiros séculos da era cristã, o público leitor romano se expande. Tem-se notícias que o renomado poeta romano, Ovídio, escrevia não só para os amigos mais íntimos, como também, para um público anônimo, incluindo mulheres (LYONS, 2011, p. 29).

Com o declínio do Império romano houve a retração da cultura escrita. O alfabetismo e a infraestrutura urbana que exigiam comunicação escrita entraram em colapso propiciando o declínio de muitas instituições romanas, exceto as mantidas pela Igreja Católica. Nesse período a leitura recreativa foi sendo substituída por leitura concentrada no interior da igreja, claustros das escolas e, Cortes, mas limitada as Sagradas Escrituras e a textos de edificação espiritual. A razão da leitura passou a ser a salvação da alma. E o livro dos Salmos passou a ser visto como a cartilha para se ensinar a ler e escrever. Outra mudança foi a passagem da leitura em voz alta para a voz silenciosa, e baseado em Isidoro de Sevilla isso permitia “ler sem esforço físico e melhor refletir sobre as coisas lidas que assim fugiriam menos facilmente da memória”(apud MANGUEL, 1997, p. 66) .

Do final do século XI até o século XIV, nova era na história da leitura se faz presente com o desenvolvimento da alfabetização. A escrita e a leitura se aproximam tornando-se uma função da outra. A escola passa a ser vista como o principal espaço onde se dará o

ensino da leitura. Em boa parte da Idade Média, o aprendizado da leitura é realizado através do método escolástico que sufoca o prazer da leitura.

Manguel (1997) corroborando com esse entendimento afirma:

Seguindo o método escolástico ensinavam-se os estudantes a ler por meio de comentários ortodoxos, que eram equivalentes às nossas notas de leitura resumidas. (...) O mérito desse tipo de leitura não estava em descobrir uma significação particular no texto, mas em ser capaz de recitar e comparar as interpretações de autoridades reconhecidas e, assim tornar-se um homem melhor' (MANGUEL, 1997, p. 96).

No final do século XV, o método escolástico começa a perder forças e, gradativamente, foi sendo substituído pelo ensino mais liberal. A leitura passou a ser responsabilidade do leitor no que liga o ato de ler com seu mundo próprio e com suas experiências pessoais, afirmando seu comando sobre o texto.

Do século XVI ao XIX a prática da leitura esteve voltada para as atividades escolares, religiosas e vista, por muitos, como portadora de ideias ditas perigosas, contra a ordem estabelecida pela autoridade da igreja.

Com o advento da impressão a produção dos livros foi alterada afetando as práticas da leitura. A época marca a popularização do livro, tornando-o mais acessível aos leitores pela redução dos custos da produção, rapidez na impressão e uniformização dos textos.

Talvez seja útil não esquecer que a imprensa, apesar das óbvias previsões de fim de mundo, não erradicou o gosto pelo texto escrito à mão. (...) No final do século XV, embora a imprensa estivesse bem estabelecida, a preocupação com o traço elegante não desaparecera e alguns dos exemplos mais memoráveis de caligrafia ainda estavam por vir. Ao mesmo tempo em que os livros se tornavam de acesso mais fácil e mais gente aprendia a ler, mais pessoas também aprendiam a escrever, frequentemente com estilo e grande distinção; o século XVI tornou-se não apenas a era da palavra escrita, como também o século dos grandes manuais de caligrafia (MANGUEL, 1997, p. 159).

No decorrer do século XVIII, assiste-se a mudança referente ao estilo de leitura. O leitor, antes acostumado a ler e reler textos para memorizá-los, para recitá-los de cor, passa a ler textos mais diversificados, assumindo, dessa forma, uma posição crítica em relação à leitura. Nesse século surgem as livrarias, os clubes livreiros, as bibliotecas com espaço para leitura e intercâmbio de ideias. A leitura passou a ser vista como fonte de lazer, de prazer,

de enriquecimento cultural, da ampliação do convívio social, é a explosão da literatura recreativa. Época na qual os educadores e outros membros da elite literária começaram a se queixar que os clássicos estavam sendo negligenciados à medida que um grande número de leitores se voltava para a literatura popular.

O século XIX foi marcado por grandes transformações na imprensa que afetaram vários setores da sociedade. Os processos da impressão e da fabricação do papel permitiram maiores tiragens e conseqüentemente o progressivo barateamento dos livros, atingindo sobremaneira as camadas populares que passaram a ter mais acesso aos livros. Outro fator que contribuiu para a difusão da leitura foi o crescimento da alfabetização e do surgimento de novas classes de leitores: crianças, mulheres e operários. As mulheres foram mais atraídas pelos romances, revistas e livros de culinária; as crianças, pelas fábulas e contos de fadas. Os operários, em consequência da redução da jornada de trabalho, foram atraídos pela leitura como fonte de lazer.

O alfabetismo generalizado teve opositores que temiam que a leitura e a escrita, por estarem mais acessíveis a todos, pudessem levar a desafios ideológicos e até mesmo a rebeliões. Somente no final do século que alguns proprietários de fábricas começaram a ver o alfabetismo como vantagem na manutenção da ordem e da boa moralidade, e na atualização de suas tarefas, como meio de inspirar pensamentos nobres e edificantes na força de trabalho.

Pode-se constatar, portanto, que desde as sociedades antigas a leitura era tida como um ato importante e consolidou-se como uma prática nas mais diversas acepções. Passou a distinguir o homem alfabetizado e culto do homem analfabeto, inculto e a se revelar como critério tanto para o ingresso como para a participação do homem na sociedade.

O século XX foi marcado pela inserção e pelo desenvolvimento de novas tecnologias digitais e novos suportes de leitura como os meios audiovisuais de comunicação, que alteraram o estilo de vida dos leitores. As revoluções na comunicação eletrônica suscitaram respostas e temores similares aos que foram despertados pela invenção da imprensa há mais de 500 anos, mas essas revoluções não vieram para se sobrepor ao livro impresso mas sim, como alternativa para o ato da leitura.

Dessa forma com as novas tecnologias disponíveis as ideias de liberdade passam a

revolucionar a leitura possibilitando a construção de textos, sua divulgação além de acesso a todo tipo de informação a todo instante e, principalmente, de qualquer lugar do mundo. O cidadão passa de somente usuário para agente que comunica, opina, interage.

O importante em relação às novas tecnologias disponíveis é oferecer ao usuário maior facilidade para que ele tenha acesso às informações disponibilizadas nos mais diversos suportes. A preocupação deve ser sempre com o usuário para que ele se beneficie da tecnologia para alcançar o que busca independentemente do suporte ou do formato do material onde a informação esta disponível.

Chartier (1994), colaborando com essa linha de raciocínio afirma:

convertidos em textos eletrônicos, todos os textos existentes, sejam eles manuscritos ou impressos, é a universal disponibilidade do patrimônio escrito que se torna possível. Todo leitor, no lugar em que se encontra, com condição que seja diante de um posto de leitura conectado com a rede que efetua a distribuição dos documentos informatizados, poderá consultar, ler, estudar qualquer texto, independentemente de sua localização original.

3.1.2 Leitura: características

O que é a leitura? Miranda (2006) afirma que alguns vêem a leitura como o simples ato de decodificar letras que estão impressas. Por esse entendimento seria suficiente decifrar sinais para que se pudesse ler o mundo. De forma antagônica encontra-se a afirmação de Lajolo (1986) que conclui:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido do texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entrega-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela propondo outra não prevista (LAJOLO, 1986 p 59).

Ler é um processo que implica na interação entre o leitor e o mundo, envolve compreensão. Ler, de acordo com Martins (1994, p. 88), é um constante diálogo entre o leitor e o objeto lido, seja o livro, um gesto, uma música uma ilustração ou mesmo um acontecimento.

A prática da leitura torna-se condição de cidadania de acesso à vida e Lages complementa:

“a leitura é fonte de conhecimento, nela desenvolvemos e afirmamos o gosto estético, através dela aprendemos a melhor nos exprimirmos, por ela criamos imagens do mundo com implicações diretas no que somos e na imagem que de nós damos a conhecer aos outros e que para nós próprios fazemos.” (LAGES, 2007, apud Neves, 2010, p. 20)

Mindlin (2009, p. 13) ao falar sobre a importância da leitura afirma que:

Quem não lê não sabe o que está perdendo, pois a leitura dá um sentido espiritual á vida, abre horizontes dá uma visão melhor e mais ampla do mundo e da sociedade em que vivemos, estimula a imaginação e o sonho e cria possibilidades antes impensadas de reivindicar mudanças em nossa sociedade, corrigindo as injustiças sociais e políticas que nos afligem. As coisas dificilmente mudarão se não for dada a grande massa da nossa população uma educação adequada e consciência de cidadania, o que exige, em última análise, o desenvolvimento e a consolidação de práticas de leitura. (MINDLIN, 2009, p. 13)

Do exposto infere-se que a leitura deve ser considerada como um instrumento indispensável ao indivíduo. Ler torna-se um meio privilegiado de se ter acesso ao saber, de conquistar autonomia. A capacidade de ler põe à disposição do indivíduo a possibilidade de compreender melhor o mundo que o rodeia. E Ferreira (2003) acrescenta que se deve destacar a valorização da leitura orientada e crítica como elemento que pode levar à libertação, ao engrandecimento humano, à autorealização.

Corroborando com o exposto, Martins (1994, p. 31) caracteriza a leitura como um processo de

compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica)

E Caldin complementa afirmando que a leitura vista como pratica terapêutica implica em interpretação

que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a ideia de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos.. (CALDIN, 2001, p. 4).

Compartilha desse mesmo entendimento Marc-Alain Ouaknin (1996, p. 19) ao concluir que “toda leitura implica um fenômeno de interpretação, que o ato de

interpretação é inerente à leitura e que a interpretação é, em si, uma terapia". O uso da leitura com fins terapêuticos e ou lazer é chamada pelos estudiosos de biblioterapia.

Para o referido autor a ideia central da biblioterapia é que

o ser humano é uma criação contínua, em incessante movimento de tornar-se (...) e que encontra forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura ... a leitura criadora abre para novos pensamentos e novos atos, inventa novos mundos, cuja novidade é também renovação do sujeito leitor criador (OUAKNIN, 1996, p. 97).

3.2 Biblioterapia

3.2.1 Conceito

Segundo Ouaknin (1996) a palavra biblioterapia é de origem grega e é composta de dois termos, Βιβλίο que significa livro e θεραπεία , terapia. Portanto, biblioterapia é a terapia por meio de livros.

Em 1941, a palavra biblioterapia foi definida pela primeira vez no dicionário ilustrado de medicina *Dorlands* como sendo “o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais” (RATTON, 1975, p. 2).

Hasse também definiu o termo “ como a prática de usar livros sobre assuntos específicos ou temas para ajudar crianças, adolescentes e adultos a lidar com os seus problemas” (HASSE, 2004, p. 28, grifo nosso).

E a *Correctional Service of Canadá* vê a biblioterapia “como uma forma de dieta psicológica prescrita por meio da leitura de livros, equivalente a uma prescrição médica” (HASSE, 2004, p. 29, grifo nosso).

Essas definições a princípio são reducionistas ao entender que a biblioterapia é uma terapia que utiliza apenas livros no tratamento. Em contraposição, outros autores ao conceituarem o termo incluem na terapia diversos instrumentos como auxiliares ao tratamento: materiais em forma de áudio, vídeo e programas de computador, textos impressos, textos de criação própria, materiais fornecidos pela mídia eletrônica e outros.

Corroborando com esse entendimento, Tews (apud ALVES, 1982, p. 55) afirma que: “biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura planejado, conduzido e controlado para tratamento, sob orientação médica de problemas emocionais”. Appel (apud ROSA, 2003, p. 18) ratifica “é o uso de livros e panfletos como coadjuvante no tratamento psiquiátrico” e Alves (1982) afirma que também pode ser utilizado material audiovisual, leitura propriamente dita, ou outro tipo de material.

Há autores que definem a biblioterapia como uma técnica ou conjunto de técnicas, como explicitam Rosa (2003), Orsini (1982), Ferreira (2003, p. 39) e Hynes (apud FERREIRA, 2003, p. 39); Mattos e Queiroz (apud ROSA, 2003, p. 17). Para esses autores a

biblioterapia é uma técnica utilizada para o tratamento de pessoas, nas mais diferentes faixas etárias, com o objetivo de modificar o comportamento por meio do autoconhecimento.

Há outro grupo de autores que define o termo apoiando-se no aspecto emocional dos indivíduos. Isso talvez tenha ocorrido devido ao fato de a biblioterapia ter sido iniciada em hospitais e clínicas para doentes mentais. Em consequência, o conceito do termo era voltado para os aspectos de cura e recuperação de pessoas com algum tipo de distúrbio psicológico, emocional, comportamental. Ilustra essa afirmação Buonocori (apud ALVES, 1982, p. 55) que define a biblioterapia como “a arte de curar enfermidades por meio de leitura”. Com os estudos e pesquisas realizadas a leitura passa a ser indicada também para outros tipos de tratamento, como: para vítimas de abusos, para presidiários, idosos, para o desenvolvimento pessoal. Marcinko (apud FERREIRA, 2003, p. 38) corroborando afirma que a “biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes”.

Para outros autores a biblioterapia é constituída de uma terapia de leitura imaginativa que tem como objetivo “explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais” (CALDIN, 2001, p. 35). Esses autores acreditam que os indivíduos devem procurar perceber as afinidades existentes entre ele e o personagem da literatura, objetivando compreender melhor seus sentimentos e emoções para alcançar, dessa forma, os bons resultados da biblioterapia. Em apoio a essa teoria, em 1949, a americana Caroline Shrodes citada por Caldin (2001) defendeu sua tese de doutorado intitulada “*Bibliotherapy: a theoretical and clinica-experimental study*” onde enunciou o conceito de biblioterapia “como processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a leitura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo”.

Em adição a esse pensamento Matthews e Lousdale (apud CALDIN, 2001, p. 35) e também Rosenbatt (citado por SHRODES, apud CALDIN, 2001, p. 34) concluíram que a biblioterapia se constitui em uma terapia de leitura imaginativa com objetivos de ajustar as pessoas aos conflitos. Caldin (2001, p. 35,) ao estudar Shrodes, afirma que para a leitora “a literatura ficcional é a mais indicada para garantir uma experiência emocional do leitor, efetivando a terapia de introspecção capaz de efetuar mudanças” (Caldin, 2001, p. 35).

Para Ratton (1975, p. 199-200) o termo biblioterapia abrange:

prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução de terapia baseada em comentários de leitura, e avaliação de resultados. Sua utilização é considerada na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita, em indivíduos nas mais diversas faixas etárias, com doenças físicas e mentais. Além disso aceitam-se como terapêuticas todas as influências benéficas da leitura espontânea, feita na vida diária com propósitos recreativos, assim como na educação sistemática.

Essa definição de Ratton (1975) apresenta uma visão bem ampla ao incluir todo tipo de leitura, inclusive a espontânea.

Uma definição bem completa da palavra biblioterapia foi feita por Seitz (2000, p. 10) que em sua dissertação "*Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica*" definiu biblioterapia como

um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento. Devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas. Os fatores importantes dessa atividade são: os relacionamentos estabelecidos, respostas e reações do paciente, a entrega do relatório ao médico para interpretação, avaliação e direção do acompanhamento.

Caldin (2001, p. 36) define a biblioterapia como

leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores.

A partir das definições citadas, pode-se conceituar a biblioterapia como sendo a atividade de leitura disponibilizada em qualquer suporte, incluindo músicas, DVD, CD, filmes e outros, que deve ser planejada e controlada por profissionais que necessariamente devem conduzir a terapia e registrar as reações dos leitores, podendo ser aplicada para qualquer pessoa, em qualquer faixa etária com o objetivo de auxiliar o ser humano em seu desenvolvimento emocional, social.

3.2.2 Evolução

Para Ouaknin (1996) a palavra biblioterapia é de origem grega e significa a terapia por meio de livros. Segundo o autor há questões a serem respondidas: O que é o livro? O que é “terapia”? Terapia é o tratamento de um doente. E terapeuta quem é? É alguém que cuida do doente. Os primeiros terapeutas foram os filósofos, filósofos médicos, pois cuidavam do corpo “mas também daquilo que anima o corpo fundamentalmente, o sopro da vida, que é chamado de alma” (OAUKNIN, 1996, p. 13).

Freud (1890), citado por Ouaknin (1996) usou o termo “*Seelenbehandlung*” para designar tratamento da alma, contudo foi traduzida por tratamento psíquico e assim o definiu:

Tratamento psíquico significa [...] tratamento que tem origem na alma, tratamento – de perturbações psíquicas ou corporais – com a ajuda de meios que agem primeiro e imediatamente sobre a alma do homem. Tal meio é antes de tudo a palavra, e as palavras são o instrumento essencial do tratamento psíquico (OAUKNIN, 1996, p. 14).

A palavra à qual Freud faz referência no trecho citado pode ser a do paciente, a do terapeuta, uma conversa entre eles desencadeando reações recíprocas como num diálogo, numa leitura. Prossegue o filósofo: “As palavras são os instrumentos mais importantes da influência que uma pessoa procura exercer sobre outra; as palavras são bons meios para provocar modificações psíquicas naquele a quem são dirigidas” (FREUD apud OAUKNIN, 1996, p. 15). Mas,

a leitura, ao contrário da conversa, consiste para cada um de nós em receber comunicação de outro pensamento, ao mesmo tempo que permanecemos sozinhos, isto é, continuando a usufruir do poder intelectual que temos na solidão e que a conversa dissipa imediatamente, podendo continuar inspirados, permanecendo no pleno trabalho fecundo do espírito sobre ele mesmo (OUAKNIN, 1996, p. 16-17).

Usar a leitura com a finalidade terapêutica não é uma prática recente, pelo contrário, existem relatos da sua utilização no Egito antigo, e Alves (1982, p. 54-55) complementa:

Há milênios atrás, o faraó egípcio Ramsés II mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição “remédios para a alma”. Entre os romanos do primeiro século nós vamos encontrar em Aulus Cornelius Celsus, palavras

de estímulo ao uso da leitura e discussão dos preceitos dos grandes oradores como forma terapêutica.

Havia na Idade Média, na Abadia de São Gall a inscrição: “Tesouro dos remédios da alma”. Na Grécia, o livro era associado à forma de tratamento e compreendiam as bibliotecas como a “medicina da alma” (CRUZ, 1995, p. 13 apud SEITZ, 2000, p. 11). Caldin confirma o exposto, relatando:

A relação entre psique humana e literatura não é nova. Foi, inicialmente, alicerçada pelas emblemáticas observações psicanalíticas de Freud sobre a escrita como arte poética desde os gregos até alguns de seus representantes modernos como Shakespeare e Dostoiéwski. Posteriormente, recebeu uma análise de Jung, que viu em Goethe, Spitteler, Nietzsche, Blake e Dante personalidades criativas e transformadoras do mundo. Enfatizada, também, pela linhagem marxista com Vygostky na psicologia infantil ou com a atividade de Sartre entre a literatura e a filosofia existencial, essa relação foi se confirmando em todo o século XX (CALDIN, 2001, p. 01).

Em 1272, no Hospital Al Mansur no Cairo, o tratamento de pacientes com problemas mentais incluía sessões de musicoterapia (RAGIP, 2000) e Marcinko (1989, apud FERREIRA, 2003, p. 36) complementa que era recomendado a seus pacientes a “leitura de trechos escolhidos do Alcorão como parte do tratamento médico.

Mas foi em 1802 que se têm as primeiras notícias da recomendação da leitura em hospitais quando o médico norte-americano Benjamim Rush indicou a leitura

como parte do tratamento para os doentes comuns e em 1810, John Minson Galt II, também médico, foi um dos primeiros a escrever artigos sobre Biblioterapia e ficou conhecido pelo seu ensaio tratando da leitura, recreação e diversão para insano, em 1853 (ALVES, 1982, apud SEITZ, 2000, p.11).

Essa prática de usar livros no tratamento de doentes mentais também foi observado na França, Inglaterra e Itália, ao final do século XVIII (ROSA, 2003, p. 19).

No início do século XX, após 1904, a biblioterapia começa a ser aceita como ramo da Biblioteconomia. E, segundo Ratton (1975) isso se deu após uma bibliotecária assumir a direção da Biblioteca do Mc Lean Hospital, em Massachussets e dar início a um trabalho que aliava leitura ao tratamento psiquiátrico, obtendo bons resultados (RATTON, 1975).

A biblioterapia ganha impulso no período da Primeira Guerra Mundial 1914-1918 “quando bibliotecários e leigos, notadamente da Cruz Vermelha, ajudaram a construir

rapidamente bibliotecas nos hospitais do Exército” (PEREIRA, 1987, p. 32). Na mesma época, em 1916, em Iowa, EUA, o trabalho de uma bibliotecária hospitalar foi reconhecido pelo diretor do Comitê das Instituições do Estado, ocasião na qual, ao mencionar o trabalho, afirmou “livros são “ferramentas” para serem usadas com uma expectativa inteligente de alcançar resultados” (SEITZ, 2000, p. 12).

Outro fato que merece ser destacado é o fato da biblioterapia, após 1930, se firmar como um campo de pesquisa. E as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foreman se destacam por tentarem reforçar a idéia de que a biblioterapia deveria ser vista e “estudada como ciência e não como arte” (ORSINI, 1982, p. 139-149). Somente em 1941, segundo Ratton (1975), a palavra biblioterapia foi definida pela primeira vez no dicionário de medicina *Dorlands*, como sendo “o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais”.

Um fato marcante na década de 1940 foi o trabalho de Caroline Shrodes sobre a função terapêutica da leitura. Defende, em 1949, sua tese de doutorado: “*Bibliotherapy: a theoretical and clinica-experimental study*” que se apresenta como “um trabalho pioneiro experimental da biblioterapia, sendo aceita como autoridade até os dias de hoje” (CALDIN, 2001, p 34).

Roberts (apud PEREIRA, 1996, p. 33), no final dos anos 1950, “assumiu um papel mais agressivo no uso da literatura como técnica de aconselhamento”. Na década de 1960, ao trabalhar com cegos, começa a usar livros com objetivo de “facilitar a vida profissional das pessoas afetadas pela cegueira”.

Com a explosão da informação, após a 2ª Guerra Mundial, os trabalhos sobre biblioterapia também se intensificaram. São inúmeros os artigos que aparecem sobre o assunto nas pesquisas e nos trabalhos acadêmicos.

As décadas seguintes foram de estudos, pesquisas e aplicações da leitura como terapia e a biblioterapia foi reconhecida como auxiliar nos tratamentos médicos hospitalares. No Brasil, são poucos os trabalhos publicados sobre a biblioterapia até a década de 1970. Nesse período tiveram início alguns projetos de extensão, entre esses se destaca o desenvolvido pela UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul que levava às vilas de Porto Alegre livros, tanto para auxiliar nas atividades escolares como livros de

lazer, chamado de “carro biblioteca” e outro o “caixa estante” que emprestava às escolas, públicas e particulares, livros de literatura infantil. Duas décadas mais tarde, em 1990, a FBN - Fundação Biblioteca Nacional e a UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro criaram um programa, o “casa da leitura” que tinha como proposta realizar sessões de contos infantis nas enfermarias do Hospital Universitário Gaffrée Guinle (RIBEIRO, 2006, p. 117). Hoje existem muitos projetos, teses, dissertações e artigos sobre o tema, a maioria realizados por profissionais da biblioteconomia.

O quadro 1 abaixo foi organizado com o propósito de selecionar, reunir e organizar os trabalhos, os artigos sobre o tema biblioterapia no Brasil encontrados em diferentes periódicos da Ciência da Informação como também em algumas bases de dados nacionais durante a pesquisa bibliográfica necessária a elaboração desse trabalho.

Quadro 1 - Artigos publicados sobre o tema Biblioterapia

ANO	AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO
1975	Ângela M. L. Ratton	Biblioterapia.	Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG.
1982	Maria Helena Alves Hees	A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação.
1982	Maria Stella Orsini	O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia	Revista Comunicações e Artes
1998	Edna Gomes Pinheiro	Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência	Informação & Sociedade
2001	Clarice Fortkamp Caldin-	A leitura como função terapêutica: biblioterapia.	Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação,
2002	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário de UFSC: uma experiência.	Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação
2002	Maria Emília da Silva; Gleisy Regina Bóris Fachin	Leitura para portadores de deficiência com necessidades especiais: relato de uma experiência.	Revista ACB: Biblioteconomia
2002	Silvana Beatriz Bueno; Clarice Fortkamp Caldin	Aplicação da biblioterapia em crianças enfermas.	Revista ACB: Biblioteconomia
2003	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência.	Revista ACB: Biblioteconomia

ANO	AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO
2003	Danielle Thiago Ferreira	Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal.	ETD - Educação Temática Digital
2004	Clarice Fortkamp Caldin	A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças.	Biblios: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação,
2005	Virgínia Bentes Pinto	A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário.	TransInformação
2005	Rachel Barbosa de Castro; Edna Gomes	Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa.	Revista Biblionline
2005	Eva Seitz	Biblioterapia: uma experiência com paciente internado em clínica médica	Revista ACB: Biblioteconomia
2005	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.	Biblios: Revista Eletrônica de Bibliotecologia y Ciencias de la Informacón.
2005	Marília Mesquita Guedes Pereira	A Biblioterapia e leitura crítica para a formação da cidadania com os alunos do Instituto dos cegos da Paraíba "ADALGISA CUNHA"	http://www.geocities.w s/biblioestudantes/text o_01.pdf
2006	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas.	Revista ACB: Biblioteconomia
2006	Eliane R. de Oliveira Lucas; Clarice Fortkamp Caldin; Patrícia V. de Pinheiro da Silva	Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso.	Perspectiva em Ciência da Informação
2006	Gizele Ribeiro	Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos.	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação
2006	Eva Seitz	Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica.	ETD- Educação Temática Digital
2007	Geovana Mascarenhas do Nascimento; Dulcinéia Sarmiento Rosenberg	A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados.	Informação & Informação
2007	Tatiana Rossi; Luciene Rossi; Maria Raquel Souza	Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE).	Revista ACB: Biblioteconomia
2008	Cristhiane M. Lima	Biblioterapia: A cura através da leitura.	Revista EDUCamazônia
2008	Eva Seitz	A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina	ETD - Educação Temática Digital

ANO	AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO
2009	Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana	A utilização da Biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico.	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação
2009	Ana Cláudia Leite	Biblioteconomia e Biblioterapia: Possibilidade de atuação.	Revista de Educação
2010	Geyse M. Almeida Costa de Carvalho	A leitura como tratamento: diversas aplicações da biblioterapia	<u>AMazônica</u>
2011	Clarice Fortkamp Caldin	A Teoria de Merleau-Pontyana da linguagem e a Biblioterapia.	Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação
2011	Eva Seitz	Lazer hospitalar: sua contribuição no processo de humanização da assistência hospitalar.	BRAPCI
2011	Clarice Fortkamp Caldin	Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de biblioteconomia da Universidade federal de Santa Catarina	Biblios: Revista Eletrônica de Bibliotecologia y Ciencias de la Información
2012	Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetto; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein	Biblioterapia na melhor idade.	Revista ACB: Biblioteconomia
2012	Leodir Rocha de Oliveira André de Souza Pena Agameton Ramsés Justino Andréa Luciana dos Santos	Biblioterapia: uma experiência de ler e contar histórias para pessoas hospitalizadas.	Extensio- Revista eletrônica de Extensão
2013	Mariana Giubertti Guedes, Sofia Galvão Baptista	Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação.	Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação
2013	Daiana de Lima; Clarice Fortkamp Caldin	Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz.	Revista ACB: Biblioteconomia

Fonte: Elaborado pela autora

Constata-se, a partir da análise do Quadro 1, que o primeiro trabalho registrado, data de 1975 e é da Bibliotecária Angel Ratton, ex-professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG, o qual foi apresentado no encontro anual de Psicologia da UCMG - Universidade Católica de Minas Gerais, que ressalta os efeitos benéficos da leitura. Quase dez anos depois, em 1982, foram publicados dois outros artigos, um de autoria de Orsini da área de Linguística da USP – Universidade de São Paulo, e outro de Alves, da Biblioteconomia que explora a aplicação da Biblioterapia em instituições correcionais. Na década de 1990,

somente um artigo foi publicado e depois de 2000, percebe-se um aumento significativo de artigos publicados. Nesse período ganha destaque a produção da autora Caldin, professora do Departamento de Ciência da Informação da UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina, que publica, no início da década, um artigo que tem como finalidade “apresentar a biblioterapia como um dos papéis sociais do profissional” (Caldin, 2001). Ressalta-se, a contribuição das autoras que publicaram sobre o tema além de Caldin, temos Seitz, ambas integrantes da UFSC, e Gomes, da UFPB – Universidade Federal da Paraíba, as quais publicaram respectivamente 11, 4 e 2 artigos.

Em relação aos periódicos encontrados, constata-se que a maioria é da área de Biblioteconomia com destaque para a *Revista ACB: Biblioteconomia*, em Santa Catarina, que publicou oito artigos. Empatados com 3 artigos publicados estão a *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação* e a *ETD – Educação Temática Digital* com 4 artigos e, com 3 artigos, estão as *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, sendo que os outros publicaram apenas um artigo.

Dos periódicos apresentados verifica-se que a maioria está concentrada na Região Sul e Sudeste, tendo destaque também a publicação do Nordeste e da Amazônia. Esses dados retratam a realidade dos cursos de Biblioteconomia que dão ênfase ao tema abordado nesse trabalho.

Pode-se observar, baseado no quadro acima, que vem crescendo o número de artigos publicados sobre a Biblioterapia. Mas há ainda muito caminho a ser percorrido. Seitz (2000) faz um alerta aos bibliotecários para que “tomem consciência da importância da leitura e dos leitores como dos livros, de que é através da leitura que o leitor faz uso dos livros”. Continuando com a mesma linha de raciocínio a autora afirma que:

há que se desenvolver, no Brasil, os vários tipos de Biblioterapia, precisando ser [serem] realizadas inúmeras pesquisas na área e, também, a publicação dos resultados dessas pesquisas, a fim de provocar discussões acerca do assunto, favorecendo seu desenvolvimento (SEITZ, 2000, p. 24).

3.2.3 Aplicação

A biblioterapia atualmente é aplicada em inúmeros ambientes de modo

multidisciplinar em uma população bastante diversificada, mas nem sempre foi assim. Inicialmente a biblioterapia foi empregada, de acordo com Ferreira (2003, p. 38), em hospitais e clínicas de saúde mental focando sua atuação no aspecto corretivo que visava a cura e o restabelecimento das pessoas com algum tipo de distúrbio emocional ou comportamental. Posteriormente, o aspecto preventivo foi descoberto e sua aplicação foi ampliada passando a ser levado também para outros ambientes. A biblioterapia nos tempos atuais, tem sido aplicada em crianças, adolescentes, adultos, idosos; em creches, orfanatos, penitenciárias, bibliotecas, asilos, clínicas de psicologia e psiquiatria, enfim, em diversos ambientes e com pessoas nas mais diferentes faixas etárias e nas mais diversas patologias: físicas, sociais e psicológicas. Complementando o exposto, Caldin (2001, p. 39) afirma “a biblioterapia é utilizada em hospitais, prisões, asilos e no tratamento de problemas psicológicos em crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados”.

A título de ilustração pode-se citar os trabalhos de diversos profissionais que aplicaram a biblioterapia nos mais diferentes ambientes e com indivíduos de várias idades: Ronald Lenkowsky (1995), Thomas Hébert (1991) e John Sheridan (apud MYRACLE, 1995). Analisados e sintetizados por Hasse (2004) aplicaram, respectivamente, a biblioterapia “para influenciar positivamente a identidade em adolescentes com disfunções de aprendizado e transtornos emocionais; para alcançar as necessidades especiais de meninos bem-dotados e para aplicar um programa para ajudar crianças de pais divorciados” (HASSE, 2004, p. 54).

Caldin (2001), ao estudar o trabalho de profissionais que utilizaram a biblioterapia, menciona Moore que aplicou a biblioterapia com jovens delinquentes; Schenek, no tratamento hipoglicêmico da esquizofrenia e de depressão; Quint, com paciente dementes; Alves com presidiários; Vasquez, com idosos; Pereira, com deficientes visuais; Seitz com pacientes internados, e o seu próprio trabalho com crianças internadas em hospitais.

Como se pode observar no Quadro2, há uma síntese dos campos de atuação da biblioterapia: correcional, educação, medicina, psiquiatria, idosos, com a respectiva finalidade junto aos clientes.

Quadro 2 – Campos de atuação e finalidades da Biblioterapia

CAMPO DE AÇÃO	CLIENTE/ FINALIDADE
CORRECCIONAL	Visar a recuperação de jovens delinquentes, adultos criminosos com desajuste social e/ou emocional.
EDUCAÇÃO	Atuar nas crises de adolescentes e crianças com problemas especiais: morte em família; separação dos pais; crianças afastadas de seus lares; vítimas de incesto, de estupro.
MEDICINA	Tratar pessoas com problemas emocionais ou comportamentais.
PSIQUIATRIA	Auxiliar pacientes com algum tipo de distúrbio psíquico, dependentes químicos.
IDOSOS	Diminuir a ansiedade e para ajudá-los a aceitar a nova condição de vida.

Fonte: Adaptado de Seitz, 2000, p. 17

No campo correccional, de acordo com Ratton (1975), o contato com os livros e a leitura facilita a profissionalização de jovens delinquentes e adultos criminosos, preparando-os para o retorno à sociedade, além de contribuir para diminuir a ansiedade e estimular novos interesses.

Na área da educação, Ratton (1975) explica que “ a aquisição da capacidade de ler é importante passo para o alcance da independência e liberdade” (RATTON, 1975, p. 208) e complementa o pensamento sobre a importância da biblioterapia na educação: “alguns professores fazem atualmente uso de livros não didáticos para desenvolver atitudes preparando o aluno pra enfrentar os problemas da vida moderna” (RATTON, 1975, p. 205).

Na área da medicina, a prática da biblioterapia pode ajudar os pacientes a se manterem informados sobre a doença e sobre os procedimentos médicos, bem como em momentos de lazer. Ratificando esse entendimento Ratton (1975) afirma:

em muitos países, a biblioteca é considerada elemento indispensável em hospitais. A leitura pode ser usada na profilaxia, reabilitação e terapia propriamente dita [...] em alguns hospitais, a adaptação à vida hospitalar é auxiliada pela participação em grupos de leitura que visam promover o contato entre pacientes e proporcionar-lhes oportunidade de comunicação.

Na área da psiquiatria, os livros podem ajudar como elemento que auxilia nas mais

diversas fases do tratamento e de acordo com Seitz (2000, p. 19) ela “é aplicada com a finalidade de curar distúrbios psíquicos já instalados no indivíduos”.

Para os idosos, o livro é “indicado para proporcionar informações sobre o processo de envelhecimento, seus aspectos físicos, psicológicos e sobretudo para esclarecimentos acerca dos problemas sexuais que os idosos, por timidez, não abordam espontaneamente com profissionais da área” (SEITZ, 2000, p. 19).

A partir dos estudos dos autores citados pode-se afirmar que, independentemente do tipo de aplicação da biblioterapia, constata-se que é um campo amplo, e que sua aplicação pode ajudar as pessoas em seu desenvolvimento pessoal.

3.2.4 Benefícios

Para que a sociedade do conhecimento se desenvolvesse foi necessária a presença da escrita e dos meios que a divulgassem. A informação influencia a sociedade como um todo. Mas essa influência não se dá da mesma maneira e ao mesmo tempo para todos os indivíduos. De qualquer maneira, pode-se afirmar que a leitura é capaz de proporcionar inúmeros benefícios a todos, independentemente da forma e do momento dessa influência.

Quadro 3 foi organizado por Rosa (2006, p. 18) com o propósito de reunir os benefícios da biblioterapia, adaptado pela autora para inserir a contribuição de outros autores como Ratton (1975, p.200/2), Pereira (1996, p.53), Hasse (2009, p. 34):

Quadro 3 – Benefícios da Biblioterapia

Autor	Benefícios
Louise Rosenblatt 1938	Divide os objetivos em de cura e de prevenção: a)objetivos de cura: - aumentar a sensibilidade social; ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa; proporcionar a sublimação por meio da catarse; levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais b) objetivos de prevenção: - prevenir o crescimento de tendências neuróticas; - conduzir a uma melhor administração dos conflitos.

Autor	Benefícios
Alice Bryan 1939	<ul style="list-style-type: none"> - desenvolver a maturidade; - alimentar e sustentar a saúde mental; - proporcionar ao paciente a sensação de que ele não é o primeiro a passar pelo problema identificado; - permitir que possa ver a existência de mais soluções para seu problema; - ajudar a perceber valores e motivações básicas de pessoas em situações semelhantes; - oferecer dados necessários para a solução do problema; - encorajar o planejar e executar um trajeto construtivo de ação.
Gottschalk 1948	<ul style="list-style-type: none"> - ajudar os pacientes a entenderem melhor suas próprias reações, conflitos e frustrações psicológicas e fisiológicas; - ajudar a estimular o paciente a pensar construtivamente entre as entrevistas, possibilitando a auto análise, amenizando futuras atitudes e padrões de comportamento; - reforçar, por percepções e exemplos, nossos padrões sociais e culturais, inibindo padrões infantis de comportamento; - estimular a imaginação, dando enorme satisfação ou alargando as áreas de conhecimento. do paciente.
L.H. Tweffort Shrodes, 1949 apud Caldin 2001	<ul style="list-style-type: none"> - fazer a introspecção para o crescimento emocional; - melhorar o entendimento das emoções; - verbalizar e exteriorizar os problemas; - ver objetivamente os problemas, - afastar a sensação de isolamento; - verificar falhas alheias semelhantes as suas; aferir valores; - realizar movimentos criativos e estimular novos interesses.
Kenneth Shrodes, 1949 apud Caldin 2001	<ul style="list-style-type: none"> - capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; - criar interesse em algo exterior ao indivíduo; - proporcionar a familiarização com a realidade externa; - provocar a liberação dos processos inconscientes; - oferecer a oportunidade de identificação e compensação; - clarificar as dificuldades individuais; - realizar as experiências do outro para obter a cura; - auxiliar o indivíduo a viver mais efetivamente.
Menninger 1961	<ul style="list-style-type: none"> - mostrar como a experiência de um livro pode ocasionar uma aberração de emoção, alívio pelo reconhecimento de que outros têm problemas similares, ou projeção de suas características no caráter.
Alston 1962	<ul style="list-style-type: none"> - mostrar que os livros podem ser usados para ajudar os pacientes a obterem maior compreensão sobre seus problemas, adquirindo linguagem e idéias que lhes permitem comunicarem esses problemas; - ajudar o paciente no processo de socialização, oferecendo algo que ele possa compartilhar, possibilitando a troca de idéias com outras pessoas.

Autor	Benefícios
Ratton 1975	<ul style="list-style-type: none"> - conhecer e sentir experiência em segurança; - aumentar a auto-estima; - clarear os problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo; - estimular a criatividade; ampliar a possibilidade de comunicação pelo enriquecimento do vocabulário; - facilitar a participação da vida comunitária; - adquirir conhecimentos necessários ao desempenho de funções tanto na vida diária como profissional; - desenvolver a capacidade crítica.
Orsini 1982	<ul style="list-style-type: none"> - auxiliar o auto conhecimento pela reflexão; - reforçar padrões sociais desejáveis; - proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias; - auxiliar na mudança de comportamento.
Matthews e Lonsdale 1992	<p>distinguiram três tipos na terapia de leitura: a de crescimento, a factual e a imaginativa, objetivando:</p> <ul style="list-style-type: none"> - divertir e educar (crescimento); - informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar (factual); - explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais (imaginativa).
Caldin 2001	<ul style="list-style-type: none"> - proporcionar uma forma das crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e físicos; - oferecer moderação das emoções às crianças.
Pinto 2005	<ul style="list-style-type: none"> - reduzir o nível de resistência por parte do paciente das intervenções do terapeuta, tornando mais ágil o processo de mudança; - identificar a idéia e a direção da mudança com uma imagem que permanece no indivíduo, tornando-se um novo recurso para o paciente; - oferecer novos modelos de flexibilidade, indicando outras possíveis respostas diante de situações similares vividas pelo paciente; - promover a independência do paciente, assegurando sua participação no processo terapêutico ao inferir, descobrir ou concluir a mensagem do texto, chegando às suas próprias conclusões, e não às interpretações do terapeuta.

Fonte: Adaptado de Rosa, 2006, p. 18

Observa-se, na análise desse quadro, que são inúmeros os benefícios advindos da biblioterapia. Não se pode afirmar que uns são melhores ou que dão mais resultados que os outros, principalmente porque é necessário ter em mente que cada ser humano é único, tem

necessidades individuais e, em consequência, usufruirá dos benefícios de forma diferenciada. Pode-se concluir, baseando-se nesses autores, que a biblioterapia proporciona ao leitor a possibilidade de mudanças de comportamento levando ao crescimento pessoal.

Ratificando o exposto, Seitz afirma que os benefícios podem

“proporcionar várias experiências ao leitor, ajudando-o a alcançar a compreensão emocional e intelectual, oferecer oportunidade para identificação e compreensão, aumentar valores e reforçar os já existentes” (SEITZ, 2000, p. 20).

De modo geral os autores listam os benefícios da biblioterapia, mas Rosenblatt, citado por Shrodes (1949, apud CALDIN, 2001) ao analisar a leitura imaginativa como auxílio ao ajustamento social e individual faz um alerta sobre a literatura ficcional ao apresentar “os perigos da leitura de escape, que age como uma droga, aumentando o desejo de fugir da realidade, pois uma falsa imagem da vida é encontrada nesse tipo de literatura” (CALDIN, 2001, p. 34), o que confirma a diversidade de pontos de vista relatados na literatura especializada.

4 O BIBLIOTECÁRIO COMO BIBLIOTERAPEUTA

Grandes mudanças ocorreram na sociedade contemporânea as quais estão relacionadas à globalização e as novas tecnologias da informação influenciando diretamente o comportamento dos profissionais, afetando o mercado de trabalho e passando a exigir novas posturas dos profissionais. Nesse contexto, o profissional bibliotecário também teve que se adequar aos novos paradigmas para acompanhar as mudanças pelas quais estava passando a sociedade. Diante disso, esse profissional percebeu as novas possibilidades para atuar além dos limites das bibliotecas como também a ter uma visão mais humanista em sua atuação. Complementando o exposto, Lucas, Caldin, Silva (2006) afirmam que:

O bibliotecário não deve assumir o papel de guardião de livros como acontecia há alguns anos. A realidade dos campos de atuação desse profissional está ampliando-se cada vez mais e assumir esse momento é essencial para o fortalecimento e reconhecimento da profissão. De maneira alguma diminui-se a importância da técnica da profissão do bibliotecário, afinal é a sua essência. Porém, exercer o papel social é, de certa maneira, o ápice, considerando à realidade atual do país, que tem sede de cidadãos leitores e de agentes fomentadores da leitura. A biblioterapia é um exemplo desse novo momento da profissão [...] Além da biblioterapia ser uma nova oportunidade de atuação no campo de trabalho do bibliotecário, as atividades relacionadas a ela são ótimas para o desenvolvimento da criatividade, incentivo ao gosto pela leitura e a pacificação das emoções.

Neste contexto, o papel do bibliotecário como agente disseminador da informação, mediador e incentivador da leitura torna-se essencial por possibilitar maior liberdade de atuação e maior facilidade de diálogo com o leitor. Essa mediação que é o ato de ler de maneira prazerosa e livre, deveria ser realizada por familiares, o que nem sempre é possível devido a situação econômica das famílias; ou por professores e educadores, o que também, muitas vezes, não é possível por esses estarem presos a currículos, a avaliações de ensino, e a material didático com conteúdo reducionista.

Observa-se que a atuação do bibliotecário como biblioterapeuta tem relevância social e é preciso ressaltar que

somente a leitura, sem um acompanhamento terapêutico, não se traduz em biblioterapia, pois esta atividade é pautada no encontro entre o indivíduo

que está enfrentando uma situação específica, que busca encontrar o sentido para a sua vida, e aquele que possibilita alguns recursos para a concretização deste intento, ou seja, o bibliotecário com formação terapêutica, o psicólogo, o psicoterapeuta, o psiquiatra, ou ainda o bibliotecário em uma atividade conjunta com estes profissionais. (PINTO, 2005, p. 40)

Leite (2009, p. 34) afirma que para o Bibliotecário se envolver com a Biblioterapia precisa se informar

sobre as iniciativas de trabalho e pesquisa sobre o tema. Dessa forma, será possível estabelecer contatos com outros profissionais para o compartilhamento de idéias, conhecer a realidade de cada grupo estudado para estruturar o seu programa de Biblioterapia e divulgá-lo para a comunidade científica e a comunidade em geral.

De acordo com Diniz et al. (2011) o bibliotecário visto como incentivador da leitura deve buscar algumas ações para oferecer ao usuário como forma de despertar o interesse pela leitura: a criação de novas bibliotecas, a ampliação do acervo das bibliotecas existentes, a adequação das tecnologias para aperfeiçoar os serviços a serem oferecidos, educação continuada aos profissionais bibliotecários, realização de projetos sociais em conjunto com a comunidade e escolas sem restrições em relação ao público a ser atendido.

Ferreira (2003) elabora uma lista com as diretrizes que devem ser observadas pelo Bibliotecário na aplicação da Biblioterapia: escolha adequada do local para a realização das reuniões, treinamento adequado para conduzir discussões em grupo, escolha antecipada de temas, seleção de material bibliográfico adequado às necessidades do grupo.

E Pereira (1996), baseando-se em KINNEY (1938), que é especialista em Biblioteconomia institucional, e em RONGIONE (1960) lista qualidades ideais para o Biblioterapeuta: tolerância, alegria, perspicácia, sensibilidade, paciência, flexibilidade, habilidade em comunicar-se claramente e em ser um bom ouvinte, ter poder de observação inteligente, ter interesse por outras pessoas como indivíduos, ter estabilidade emocional, ter controle de preconceitos pessoais, ser receptivo a aprendizagem, assumir responsabilidade pela seleção de material de leitura; ser compreensivo, ter disposição para reconhecer infortúnios de outros, ter habilidade em oferecer ajuda e em cooperar com outros, ter respeito aos desejos e direitos do leitor e disposição para aceitar responsabilidades.

Baseando-se nos autores acima citados conclui-se que são muitas as características necessárias para que o Bibliotecário possa atuar como Biblioterapeuta e aproximar o leitor do livro e, dessa forma, seguir as leis de Ranganathan: Os livros são para serem usados; Todo o livro tem o seu leitor; Todo o leitor tem o seu livro; Poupe o tempo do leitor.

Dentro desse contexto é importante que os estudantes do curso de Biblioteconomia tenham em sua formação a disciplina Biblioterapia. Há 12 anos, Seitz (2000, p. 57) recomendou que no currículo do curso de biblioteconomia deveria ser incluído a disciplina Biblioterapia “para que os alunos do referido curso tenham conhecimento dos vários campos de aplicação da leitura e seus resultados”. Constata-se que é reduzido o número de cursos de Biblioteconomia que oferecem formação acadêmica adequada ou cursos extracurriculares às competências exigidas para o bibliotecário desenvolver a prática biblioterapêutica. Esses fatos repercutem tanto na formação dos bibliotecários que não se sentem capacitados a se tornarem um Biblioterapeuta, como na falta de interesse em se engajarem em projetos multidisciplinares relacionados ao tema. E isso tem como consequência a falta de comprometimento desses profissionais com a responsabilidade social da profissão. Complementando o exposto Silva (2008) afirma que :

a Biblioterapia é uma realidade. É uma atividade de disseminação de leitura que restitui a vida, o movimento e o tempo, através da informação e dos sentidos, falta apenas o empenho das escolas de Biblioteconomia em inserí-la nos seus currículos, a fim de os bibliotecários se tornarem precursores de novas atitudes, normas e mecanismos que diluam a exclusão social e favoreçam o perfilamento da leitura/informação como produtora crítica do conhecimento na sua multiplicidade de sentidos.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, realizada por meio de um estudo de caso que buscou sustentação teórica na bibliografia referenciada.

5.2 Instrumento de coleta de dados

A pesquisa documental resultou na revisão de literatura que abordou os seguintes tópicos: leitura e biblioterapia.

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário do tipo semiestruturado composto de questões fechadas e abertas (que permitiram aos respondentes se expressarem livremente), destinadas aos alunos participantes da pesquisa para obtenção de dados sobre o uso da leitura como forma de aliviar o estresse acadêmico “reação psicológica, com componentes emocionais físicos, mentais e químicos, a determinados estímulos que irritam, amedrontam, excitam e/ou confundem a pessoa” (LIPP, 1984).

5.3 Universo e Amostra da pesquisa

O universo da pesquisa compreendeu os alunos do curso de Biblioteconomia, da FCI-Faculdade de Ciência da Informação, da UnB - Universidade de Brasília.

A amostra do estudo contou com a participação de 32 alunos que cursavam o 7º semestre do curso de biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília em 2013.

6 ANÁLISE DOS DADOS

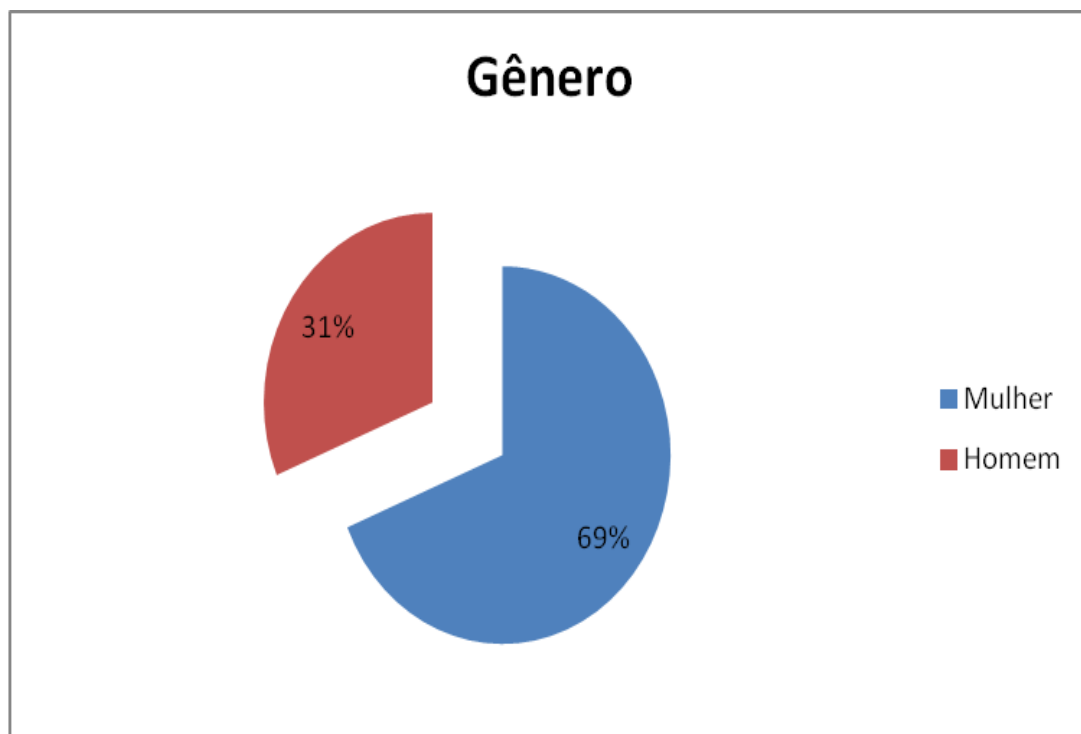
6.1 Análise e discussão dos dados

Após os dados serem coletados eles foram tabulados e analisados em tópicos baseados nas perguntas apresentadas no questionário (apêndice A).

Amostra por gênero

Com relação ao gênero, de acordo com o Gráfico 1, o grupo pesquisado tem a seguinte composição: 22 pessoas (69%) são do sexo feminino e 10 pessoas (31%), do sexo masculino. Observa-se que a presença de mulheres no 7º semestre é maioria.

Gráfico 1 – Gênero dos estudantes

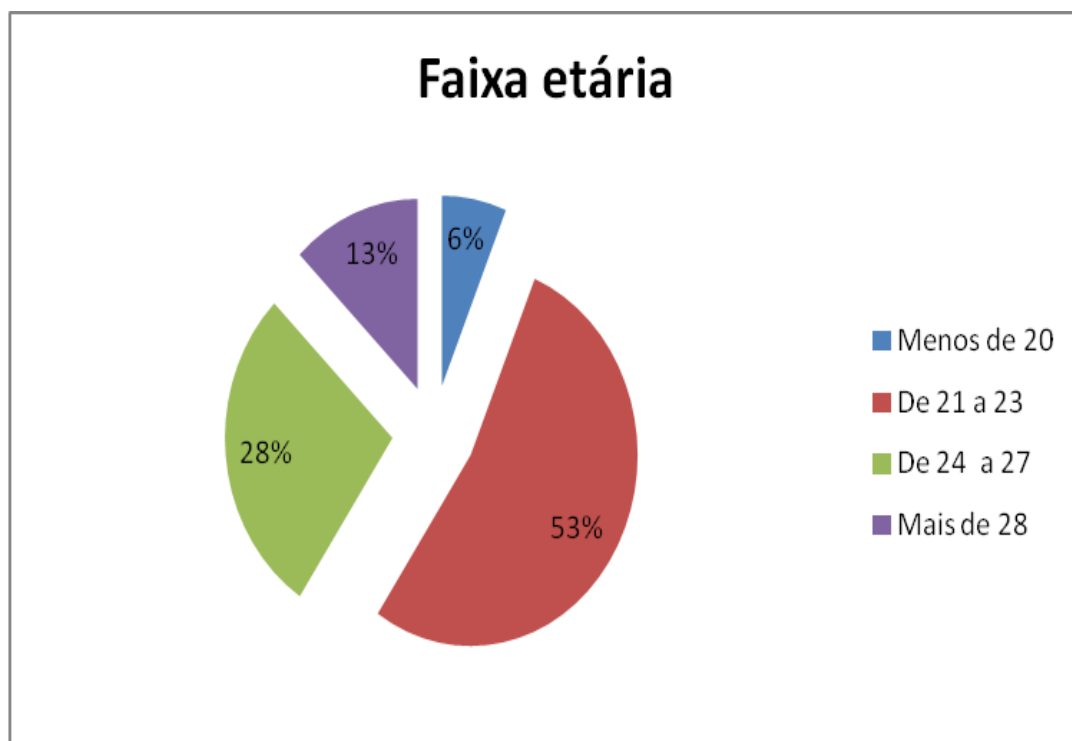


Fonte: Elaborado pela autora

Amostra por idade

Os resultados evidenciam , de acordo com o Gráfico 2, que somente dois indivíduos possuem menos que 20 anos (6%). A maioria dos entrevistados (53%) está na faixa etária entre 21anos e 23 anos. A segunda maior faixa etária corresponde aos indivíduos entre 24 anos e 27anos (28%) e apenas quatro (13%) são maiores de 28 anos.

Gráfico 2 – Faixa etária do total de indivíduos

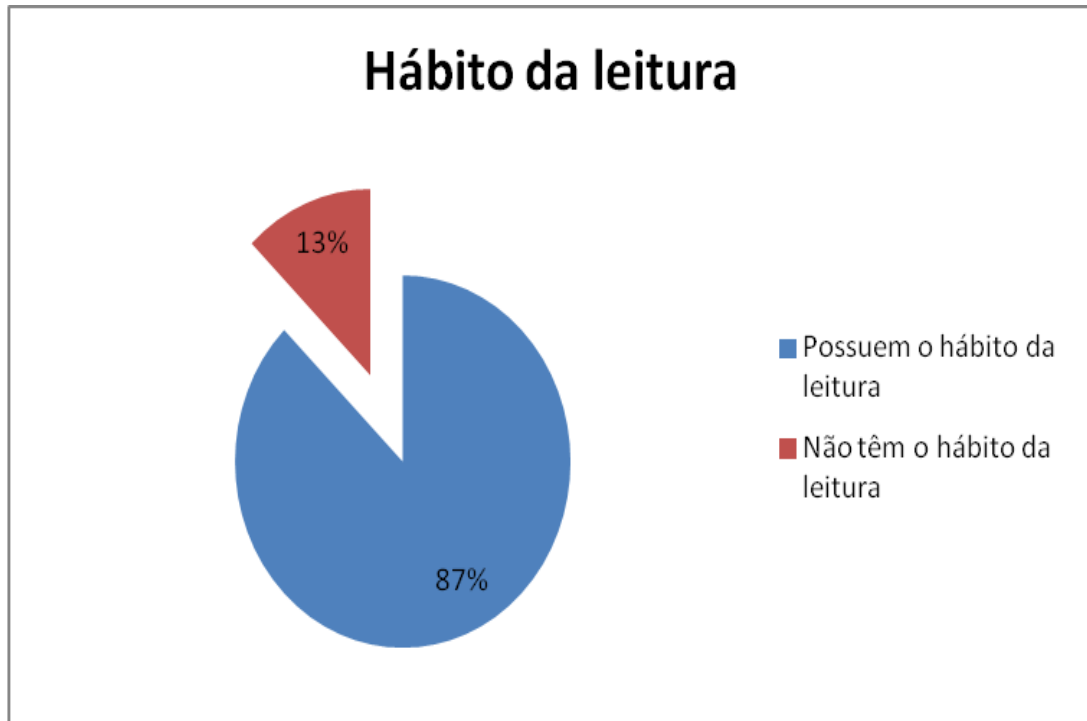


Fonte: Elaborado pela autora

Hábito da leitura

Com relação ao item que questiona o hábito da leitura, pode-se constatar, de acordo com o Gráfico 3, que do total entrevistado 28 pessoas (87%) afirmaram que possuem o hábito da leitura, enquanto que apenas quatro pessoas (13%) disseram que não têm o hábito da leitura.

Gráfico 3 – Hábito da leitura

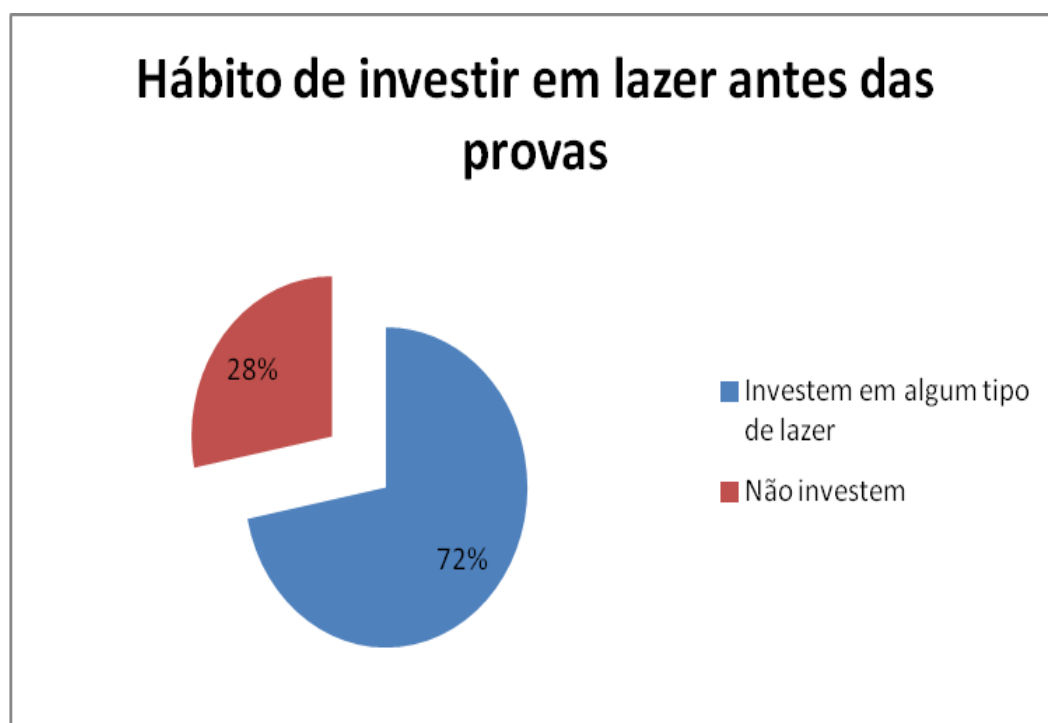


Fonte: Elaborado pela autora

Hábito de investir em lazer antes das provas

Com relação ao item que questiona sobre o hábito de investir em lazer antes das provas, a maioria, 23 pessoas (72%) responderam, de acordo com o Gráfico 4, que investem em algum tipo de lazer e apenas nove (28%) disseram que não investem em lazer antes da prova.

Gráfico 4 – Hábito de investir em lazer antes das provas



Fonte: Elaborado pela autora

Questionados sobre o tipo de lazer que preferem, os entrevistados responderam que veem filmes, leem, jogam vídeo game, praticam atividade física e entram na internet, rede social. A Tabela 1 especifica a atividade realizada pelos entrevistados. Verifica-se que alguns leem, mas muitos investem também em filmes como lazer antes das provas.

Tabela 1 – Atividades realizadas

ATIVIDADE	Respondentes
Ler	2
Ler e ver filmes	7
Ler, ver filmes e jogar vídeo game	7
Ler e entrar na internet	2
Filme	8

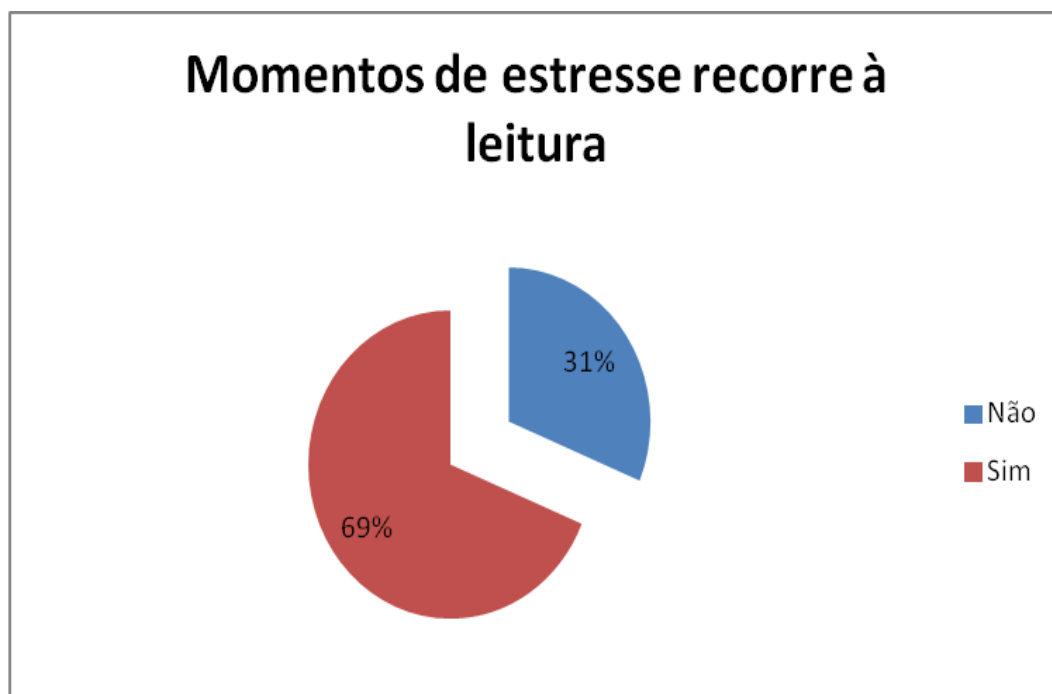
ATIVIDADE	Respondentes
Filme e atividade física	1
Vídeo game	2
Atividade física	1

Fonte: Elaborado pela autora

Em momentos de estresse recorrem à leitura

Com relação ao item (V) que questiona aos entrevistados se em momentos de estresse eles recorrem à leitura, temos a seguinte situação: dos 32 entrevistados, baseado no gráfico 5, 10 responderam que não lêem e 22 responderam que lêem e procuram fazer outra alguma atividade para desestressar como ver filmes, ir ao cinema, ouvir musica, realizar atividade social, física ou religiosa, dormir.

Gráfico 5 – Em momentos de estresse recorrem à leitura



Fonte: Elaborado pela autora

Verificou-se que 22 (63%) responderam que leem e informaram que buscam os seguintes tipos de leitura: religiosa, gibis (HQ), crônicas, revistas de atualidades, romance, livros não acadêmicos, seis não especificaram.

Gênero de leitura

O item VI buscou enumerar o gênero de leitura preferido aos estudantes como forma de aliviar o estresse.

Tabela 2 – Gênero de leitura preferido pelos entrevistados

Preferência Gênero literário	1	2	3	4	5	6	7
Romance	6	3	3	3		1	1
Ficção	5	5	1	4	1	1	1
Poesia		3	1	2	3	1	1
Autoajuda				2	1	6	4
Aventura	3	4	7	1	1		
Policial	2	1	3	3	6	2	1
Comédia	1						
Crônica	1						
Teologia	2	3					
Filosofia	2	2					

Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com o extraído da tabela 2 o romance é o gênero literário preferido pelos entrevistados, seguido da ficção. A aventura ficou na terceira posição e a comédia, teológico, filosófico e policial empataram na quarta posição.

Benefícios da leitura

Quadro 4 – Benefícios da leitura

ENTREVISTADO	BENEFÍCIOS DA LEITURA
E1	-ampliam os conceitos, sentimentos, aprendizado, ajuda a ver o mundo com os olhos de outros;
E2	-alivia o estresse;
E3	-"o livro é uma das possibilidades de felicidade de q dispomos" Jorge Luiz Borges
E4	-proporciona conhecimento, oferece entretenimento;
E5	-amplia a leitura imaginativa;
E6	-oferece prazer e distração;
E7	-proporciona concentração por ser preciso estar imerso para adentrar no universo da historia. Ocupa a cabeça com outras atividades que não a acadêmica;
E8	-ajuda a aumentar o vocabulário, desliga do dia a dia, instiga pensamento;
E9	-favorece a sensação de liberdade, estimula imaginação, afasta pensamentos inúteis;
E10	-melhora escrita e comunicação , conhecimento de outros mundos e realidades, proporciona prazer;
E11	-favorece o aumento do vocabulário, conhecimentos de outros assuntos,
E12	-auxilia na obtenção da calma, distração , muda foco do cotidiano
E13	-concede a calma, conhecimento
E14	-propicia a aquisição de conhecimento e entretenimento
E15	-facilita a diversificação do vocabulário, ajuda a se manter informado, atualizado, minimiza estresse do cotidiano.
E16	-favorece o relaxamento conhecimento de formatos de linguagem.
E17	-favorece a criatividade. proporciona a calma;
E18	-propicia o relaxamento mental, traz paz.

ENTREVISTADO	BENEFÍCIOS DA LEITURA
E19	-auxilia a exercitar a memória; expande os conhecimentos; forma nossa subjetividade; nos faz refletir sobre a vida; nos ensina a nos expressar;
E20	-proporciona o relaxamento mental
E21	-auxilia na melhora do vocabulário.

Fonte: Elaborada pela autora

A opinião dos entrevistados traduz o entendimento dos mesmos de que a leitura pode promover mudanças significativas na vida das pessoas e do meio onde vivem.

Sintetizando as informações obtidas do quadro acima podemos extrair que para os entrevistados a leitura proporciona os seguintes benefícios: aumentar o vocabulário, aprendizado, conhecimento, além de minimizar o estresse diário, de proporcionar prazer, felicidade, relaxamento, paz.

Com relação ao item que investiga se os entrevistados já ouviram falar em biblioterapia, temos a seguinte situação, de acordo com o quadro 5: 19 das pessoas disseram que já ouviram falar seja em palestras ou como participante voluntário da hora do conto em hospital. Somente duas pessoas afirmaram que não sabiam o que é a biblioterapia.

Quadro 5 – Conceito de Biblioterapia

Entrevistado	Conceito
E1	-momento de diversão e distração ... atividade faz com que as crianças se esqueçam parcialmente do sofrimento que estão vivendo
E2	-meio de combater o estresse causado pela doença
E3,4,5	-terapia importante que utiliza os livros na reabilitação emocional do leitor
E 6	-tratamento que utiliza a leitura para combater o estresse
E7	- terapia que utiliza da leitura para aliviar ou tratar alguém;
E8	-terapia que utiliza leitura como ferramenta principal no tratamento;

Entrevistado	Conceito
E9,10	-terapia que envolve livros e leitura
E11	- tratamento de paciente por meio da leitura
E12	-ramo da biblioteconomia que foca em tratamentos em pacientes por meio de livros;
E13	-tratamento baseado em leitura similar a musicoterapia.

Fonte: Elaborado pela autora

Constata-se pelas respostas extraídas do Quadro 5 que os entrevistados têm conhecimento bem diversificado sobre a biblioterapia, mas um conhecimento que precisa ser aprofundado. Esse resultado demonstra que no curso de Biblioteconomia da UnB não há ênfase nessa área do conhecimento. De qualquer forma, essa lacuna pode ser suprida se o aluno investir numa educação continuada, assunto que foi bem explorado no primeiro semestre dos alunos, que ingressaram em julho de 2009, no curso na disciplina Introdução a Biblioteconomia e a Ciência da Informação – IBCI.

CONCLUSÃO

Ler é um processo que implica na interação entre o leitor e o mundo, envolve compreensão e é em si uma terapia. O uso da leitura com fins terapêuticos ou mesmo como lazer é um importante instrumento de transformação social do indivíduo e tem sido denominada pelos estudiosos de Biblioterapia.

O Bibliotecário ao atuar como biblioterapeuta amplia seu campo de trabalho como agente disseminador da informação, mediador e incentivador da leitura, essa realidade está se ampliando e assumir esse momento é fundamental para o fortalecimento profissional. Essa prática necessita de mais reconhecimento por parte da comunidade acadêmica que precisa, para promovê-la e desenvolvê-la, estimular as pesquisas, seminários, cursos, discussões.

Ao verificar o objetivo geral do trabalho que é analisar se os alunos do 7º semestre do curso de Biblioteconomia da UnB investem em leitura terapêutica como lazer antes das provas, constatou-se que apenas alguns dos entrevistados leem enquanto que uma maioria busca ver filmes como lazer antes das provas. Conclui-se, portanto, que não há investimento em leitura terapêutica como forma de aliviar o estresse acadêmico.

Esse trabalho têm a pretensão de contribuir para a divulgação da Biblioterapia no Brasil, e de alertar sobre as potencialidades desse recurso terapêutico como atuação para o Bibliotecário.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1/2 p. 54-61, jan-jun. 1982.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A Leitura como função terapêutica: biblioterapia. Florianópolis. **Bíblios: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.12, dez. 2001.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/36>>. Acesso em: 01 set. 2011.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Bíblios: Revista Eletrônica de Bibliotecologia y Ciencias de la Información**, Lima: año 6, n. 21/22, Ene./Ago. 2005. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/161/16102202.pdf> . Acesso em: 01 set. 2011.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2000.

CAVALLO, Guglielmo. **Entre volumen e codex**: a leitura no mundo romano. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). História da leitura no mundo ocidental. Tradução de Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 1998. Cap.2. p. 71-102. v.1

CHARTIER, Roger. **Do código ao monitor**: a trajetória do escrito. Estudos Avançados. 1994, vol.8, n.21, pp. 185-199. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>>. Acesso em 12 jan. 2013.

DINIZ, Jaíene Gomes et al. **O Bibliotecário como agente incentivador da leitura**: Apresentação do Projeto de Extensão Doutores da Leitura. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/O%20BIBLIOTEC%C3%81RIO%20COMO%20AGENTE%20INCENTIVADOR%20DA%20LEITURA%20Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20do%20Projeto%20de%20Extens%C3%A3o%20Doutores%20da%20Leitura..pdf>> Acesso em: 10 abr. 2013.

FERREIRA, Danielle T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.4, n.2, p.35-47, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewArticle/1809>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo

biblioterapêutico. 2004. 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná. 2004. Disponível em:
<<http://www.univerciencia.org/index.php/record/view/17104>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

LAILOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola**: alternativas do professor. São Paulo: Mercado Aberto. Série Novas perspectivas, 1986.

LIPP, M. N. Stress e suas implicações. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 1, n. 3/4, p. 5-19, ago/dez, 1984.

LLOSA, Mário Vargas. **Frases de Mário Vargas Llosa**. Disponível em:
<<http://www.aloestudantil.com.br/frade-de-mario-vargas-llosa/>>. Acesso em: 21 maio 2013.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. Belo Horizonte: **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 11 n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/276/69>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

LYONS, Martyn. **Livro**: uma história viva. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: SENAC, 2011

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é a leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994

MINDLIN, Jose. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MIRANDA, Maria Rosa Pimentel Faria de. **Informação, leitura e inclusão social nas bibliotecas Braille de campos Grande – MS**. 2006 221 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2006.

NEVES, Sônia Fernandes Silva. **Hábitos de leitura e sucesso escolar**: Um estudo de caso em alunos no final do ensino básico. 2010. 159 f. Dissertação Universidade Portucalense Infante. Disponível em :
<<http://repositorio.uportu.pt/dspace/bitstream/123456789/365/1/TME%20447.pdf> >
Acesso em : 12 jun. 2012.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996 .

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Universitária, 1996. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/Mailson63951414/biblioterapia-marlia>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

PINTO, Virginia. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. Campinas: **Transinformação**, p. 31-43, jan./abr., 2005. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=79>> Acesso em: 26 ago. 2010.

Ragip, Hajji Sheikh Muhammad. O islam e as ciências médicas. **Revista Mundo da Saúde**. São Paulo: Faculdades Integradas São Camilo. nov.-dez. 2000. Disponível em: <http://www.masnavi.org/jerrahi/Artigos__Palestras/O_Islam_e_as_Ciencias_Medicas/o_i_slam_e_as_ciencias_medicas.html>. Acesso: 29 set. 2011

RATTON, Angela M.L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975.

RIBEIRO, Gisele. BIBLIOTERAPIA: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de Hospitais Públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006. Disponível em <<http://143.106.108.14/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/318/198>>. Acesso em: 26 ago. 2010.

ROSA, Aparecida L R. **As cartas de Ana Cristina César**: uma contribuição para a Biblioterapia. 2003. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Vale do Rio Verde. Disponível em: <<http://www.unincor.br/pos/cursos/MestreLetras/arquivos/dissertacoes/APARECIDA%20LUCIENE%20RESENDE%20ROSA.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. 2000. 79 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/doritchka/biblioterapia-sala-de-leitura-salim-miguel>> Acesso em: 22 ago. 2011.

SILVA, Wilson Pereira, PINHEIRO, Edna Gomes. **A FACE OCULTA DA BIBLIOTERAPIA NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA**: os ditos e os não ditos dos bibliotecários da Biblioteca Central da UFPB. 2008
Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3497.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BAHIANA, Neiva Dulce Suzart. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio

para auto-ajuda: Implantação de projetos junto aos educandos em fase de processo monográfico., Campinas: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. v.7, n. 1, p. 65-79, jul./dez. 2009. Disponível em <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/view/419> Acesso em: 01 set. 2011.

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. 1, jan./jun. 2007 13p. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1747>>. Acesso em: 04 set. 2011.

PINHEIRO, Edna Gomes. BIBLIOTERAPIA PARA O IDOSO PROJETO RENASCER: um relato de experiência. **Informação & Sociedade: Estudos** v.8 n.1 1998. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/431/352>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES

Caro participante:

Você está participando de um projeto de pesquisa de graduação da Universidade de Brasília-UnB, no curso de Biblioteconomia, que tem a finalidade de analisar a biblioterapia como processo de apoio aos alunos de biblioteconomia em fases estressantes. Sua ajuda é fundamental para que o objetivo desse trabalho seja alcançado. Responda o questionário de forma sincera, não é preciso que se identifique.

I - Gênero

1. ☐ feminino
2. ☐ masculino

II – Faixa etária

- ☐ menos de 20
- ☐ de 21 a 23
- ☐ de 24 a 27
- ☐ mais de 28

III - Você tem o hábito da leitura?

1. ☐ sim
2. ☐ não

IV - Você tem o hábito de investir em lazer antes da prova?

1. ☐ sim, com o que?
 - ☐ leitura
 - ☐ filme
 - ☐ vídeo game
 - ☐ outro , qual(s) _____

2. () não

IV - Em momentos de estresse você recorre à leitura?

1. () sim.

2. () não. O que você utiliza para combater o estresse? (após responder essa esse item devolva o questionário, por favor).

V – Qual seu gênero literário preferido para aliviar o estresse ? Enumere de 1 a 7 de acordo com sua preferência. Considerando o numero 1 como o favorito.

() romance

() ficção

() poesia

() auto ajuda

() aventura

() policial

() outros(). Qual? _____

VI – Qual (s) benefícios à leitura lhe proporciona?

VII – Já ouviu falar em biblioterapia? Conte-nos o que sabe.

Muito obrigada pela atenção!